"Efeméride nemesiana." *Revista Atlântida*, Vol. XLVI. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2001: 287-324.

Lélia Pereira da Silva Nunes

A comovida saudação filial de Manuel Nemésio abre o conjunto de ensaios reunidos sob o título *Efeméride Nemesiana*, publicada na *Revista Atlântida* do Instituto Açoriano de Cultura em comemoração do centenário de nascimento de Vitorino Nemésio (1901-2001).

Os autores Fátima Freitas Morna, António M. B. Machado Pires, Margarida Maia Gouveia, Fernando Cristóvão e Urbano Bettencourt apresentam um perfil de Vitorino Nemésio e de sua alargada obra a que se juntam uma diversidade de gêneros literários.

Com o propósito da homenagem, Fátima Freitas Morna faz uma reflexão sobre o escritor, em seu ensaio "Há Cem Anos Nasceu um Poeta," utilizando como arranque a evocação do artigo que ele escreveu na revista *Panorama* em 1967 quando se celebrava o centenário de nascimento de António Nobre. Morna vai ao encontro da escrita de Nemésio e o surpreende em sua própria eternidade como ele mesmo fez em relação ao poeta do *Só*: os cem anos não cumpridos por Nobre e os cem anos não vividos por Nemésio, ambos perenizados na vasta obra e na memória coletiva de muitas gerações.

A partir da análise de *Nem Toda a Noite a Vida*, publicada por Nemésio em 1952, e que considera como a obra que marca a centralidade da vida e da poesia do escritor, que a esta altura já passara dos cinqüenta anos, deixa fluir sua escrita de intimidade reflexiva, de dentro de si, de auto-indagação, de aproximação e de interação entre o criador, o homem situado, e a criatura— a arte de poetar. Revisita, nessa dimensão, o percurso do criador, do poeta, do indivíduo lírico e o âmago da sua poesia que retrata o perfil do poeta em pose de irrefragável "beatitude lírica," revelando por sua vez, uma poesia enraizada, telúrica, a moldurar elementos figurais de suas Ilhas e de outros lugares, como o Brasil, ou ainda, a falar de dentro de si, de tempos e espaços percorridos.

O estudo chama a atenção para o ano de 1952 e suas marcas na trajetória de Nemésio: ano em que o Poeta visitou o Brasil pela primeira vez. Essa

viagem impressionara-o vivamente, despertando-lhe sentimentos de descoberta, de aventura, de (re)encontro com raízes açorianas vincadas em solo brasileiro há mais de dois séculos. Afetos fortes que trouxeram conseqüências indelévels à sua obra e à sua vida, desde logo encontradas em *Nem Toda a Noite a Vida*, na série de dez poemas *Nove Romances da Bahia*, conjunto de poemas que foram compilados nos *Poemas Brasileiros* (1972) e anteriormente editados em *O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos* (1954), sob o título de *Romanceiro da Baía*. A ensaísta debruça-se sobre esta série de poemas e capta a “emoção do homem situado,” profundamente tomado pelo espírito do lugar, por mundos circundantes, pela condição humana com seus conflitos e por sua vivência enunciada pelos anos de vida, centralidade no tempo e espaço representados pelo caminho existencial percorrido. Neste sentido, mostra, por intermédio do poema “Retrato” desse mesmo conjunto, o perfil do sujeito lírico que se situa no verso, que se afirma e que transcende a um outro ser, o próprio poeta, alusão à imagem simbólica de si ali desenhados verso a verso e que configura este Retrato: *Homem sou, homem só*—como a identidade possível. A autora faz, ainda, uma auto-apreensão de que a leitura da poesia de Vitorino Nemésio, no seu conjunto, pode significar a confecção de um retrato e indaga: “Incisões no tempo, desenhar perfis que configurem a condição humana, não será afinal, apenas isso o que pode a poesia?” (294). Deixa ao leitor a tarefa de encontrar a resposta.

António M.B. Machado Pires, que tem se dedicado ao estudo da literatura portuguesa ao longo de sua carreira acadêmica e, muito especialmente, à análise literária da obra de seu ilustre professor e conterrâneo terçeirense e uma das vozes públicas lusitanas mais destacadas do século XX, Vitorino Nemésio, é o autor do ensaio “Fontes Experienciais e Literárias de *Corsário das Ilhas*.” Objetiva desvendar aspectos da obra *Corsário das Ilhas* que reúne crônicas de viagens, ensaios ficcionais de Mateus Queimado ou digressões autobiográficas, tendo como base duas viagens afetivas aos Açores (em 1946 e 1955) e um “curso errático” às Canárias, identificando as fontes essenciais da experiência nemesiana ao longo do texto. Mostra que à volta a casa, depois de vinte anos de ausência, provocou uma intensa carga emocional a um Nemésio ausente e desterritorializado ou desterrado na sua própria terra; um (re)encontro com o seu passado; um regressar cheio de saudade de suas Ilhas, reveladas em imagens pinceladas da infância; memórias afetivas de vivências e convivências passadas na Praia da Vitória e em Angra

do Heroísmo, na Ilha Terceira. Mas, não só. É uma escrita de coração, de sentimentos fortes de (re)descoberta da terra, de gentes e jeitos esquecidos e agora (re)encontrados. No comentário das viagens, em estilo incomparável, emerge o conteúdo referencial de História, de Sociologia na crítica social de uma sociedade fortemente estratificada, de Geografia Física, numa escrita espacial telúrica, vulcânica em contraste com a paisagem pastoril e com a extensão marítima circundante e de Geografia Humana dos Açores. Exímio manuseador da palavra escrita presa a realidades e conceitos fundamentados no saber de sua própria experiência de vida. Registros literários, memórias, notas autobiográficas e crônicas de viagem, este livro *Corsário das Ilhas*, enfatiza Machado Pires, “merece grande atenção e é talvez sem exagero, a mais açoriana obra de Nemésio.” O seu conteúdo de cunho histórico, geográfico e sociológico deixa-se entrelaçar a dois perfis imbricados e identificáveis. De um lado, o cronista por excelência aliado ao ficcionista, em outro o sujeito lírico remetendo à sua criação poética. O ensaísta aponta como exemplo deste caso o capítulo dedicado ao “reencontro” com Angra (Primeiro Corso, 1946, 7 de novembro, “Encontro com Angra”) que considera um documento intelectual admirável, onde a erudição dá lugar a palavra do coração, as imagens e trajetórias de tempos idos, da sua adolescência vivida em Angra e aí revisitados. Machado Pires atenta no fato de que muitas destas crônicas em tributo a Angra que foram publicadas no *Diário Popular*, na secção *Leitura Semanal*, já vinham pontuadas das vivências pessoais e até com um certo *disfarce teórico*, como o artigo “Roteiro das Ilhas—Angra melancólica” (*Diário Popular*, 7 novembro 1946, citação do ensaísta). No dizer de Machado Pires, a cidade não era melancólica e sim Nemésio é quem estava melancólico, em cal de todas as lembranças, comovido e inquieto nas dobras do manto da longa ausência... É o que escreve o ensaísta: “Essa ausência pungia-o, nela recaía um sentimento de culpa, agora iluminado por sentimento cristão redescoberto” (296). Sem dúvida, esse conjunto de crônicas semanais no *Diário Popular*—todas essas lições de voltar ao passado, cheias da terra e do mar de suas Ilhas, reflexões, cirandas cirandando o tempo e vidas que ele chama de “peregrinação recôndita”—faz de *Corsário das Ilhas* uma obra de cariz ímpar, onde está a singrar, em cada página, “a alma açoriana.” Desta maneira, Machado Pires identifica como primeira fonte do *Corsário* a própria experiência de vida de Nemésio, notadamente a infância e a adolescência; a História e Geografia das nove ilhas dos Açores, que, numa visão mítica, carregada de sentimentos

conflitantes, analisou, assinalando as peculiaridades de cada uma: da morfologia geológica aos usos, costumes, os valores, os jeitos de “ser e estar na Ilha.” Outra forte influência que poderia ter motivado Nemésio em sua aventura insular, a memorialidade íntima, teria sido *As Ilhas Desconhecidas*, de Raul Brandão, que conhecera pessoalmente e que lhe deixara uma impressão literária e humana forte. Corroborada pela existência de uma cumplicidade (secreta) de olhares com a terra, em Brandão visitante fascinado e em Nemésio no seu mundo açoriano revisitado em viagens ou “cursos,” repleto de significados subjetivos da memória sentimental do passado e imagens de dentro de si.

António Machado Pires, com este ensaio sobre o *Corsário das Ilhas* destaca a sua importância como uma obra testamental, um documento precioso para o patrimônio cultural, político e social açoriano. Oferece uma imagem dos Açores em tons, ao mesmo tempo, impressionistas e realistas, fortes e complexos. Um retrato que, se fosse uma pintura, estaria numa tela vastíssima. Nemésio usou da pena, não do pincel, e produziu uma obra de arte literária. Ganhou a literatura. Uma leitura obrigatória para todas as gerações de açorianos quer vivam dentro ou fora das Ilhas. Leitura obrigatória para quem visita os Açores. E por que não, para aqueles açorianos do Sul do Brasil que guardam uma herança cultural insular do século XVIII, cujas raízes diluíram no tempo?

A resposta a essa pergunta remete-nos não apenas ao processo histórico da epopéia açoriana (1748-1756) para o Sul do Brasil, como, também, para outras regiões do Brasil em períodos distintos. No entanto, quando se fala na dinamicidade do processo cultural e na teia de interações tecidas e intensificadas a partir das primeiras décadas do século XX, entre Portugal e Brasil, nosso olhar volta-se aos fundamentos dessa relação simbiótica e reconhece o inegável papel desempenhado por Vitorino Nemésio no desenvolvimento do intercâmbio cultural luso-brasileiro. É o que apresenta o ensaio “Escritos Brasileiros de Vitorino Nemésio em Prol da Brasilidade,” da autoria da Margarida Maia Gouveia que realiza vigorosa incursão por seus escritos ao documentar a memória cultural de uma época e revelar o seu fascínio pelo Brasil. Numa breve retrospectiva histórica, conta que os anos 30 marcam a decisão de Vitorino Nemésio de aprofundar os estudos sobre o Brasil, vindo a ser, desde então, um entusiasta, um apaixonado da cultura brasileira. Paixão que se alimenta na fonte da saudade, nas referências afetivas de um passado histórico de suas Ilhas açorianas marcadas profundamente

pela emigração e cujo legado cultural perpassou gerações, venceu o tempo e contribuiu, do Norte ao Sul do Brasil, para a formação cultural brasileira, influência visível sob diversos matizes e formas na música, nas artes plásticas, na literatura e, principalmente, no jeito de ser e viver do brasileiro.

O seu interesse pelo Brasil vai além dos limites acadêmicos e manifesta-se no veemente apelo que faz sobre a importância do entendimento, da cooperação mútua entre portugueses e brasileiros. Na crônica “Entendimento,” publicada no *Diário de Lisboa* em 29 de agosto de 1930 e na carta que escreve ao escritor José Lins do Rego e que chamou de “Uma República das Letras para Portugal e Brasil” (*in Revista do Brasil*, Ano IV, 3ª fase, nº 55, Set. 1943, 22/citação da ensaísta) defende o estabelecimento de uma política cultural de aproximação. Estava na hora de os portugueses conhecerem o Brasil intelectual; de se construir uma República de Letras, mítica, que promovesse o companheirismo literário. Pulsa forte, em seus escritos, um sentimento de verdadeira afinidade com o universo brasileiro, personificado no conhecimento pleno da história, da geografia, do sincretismo religioso, da cultura popular, da literatura e escritores brasileiros e nas muitas experiências vivenciadas no Brasil como professor e como viajante-cronista.

Nemésio trata o Brasil e a sua literatura com relevância, “em tom valorativo que pressupõe paridade cultural” (306), diz Margarida Gouveia. Esta paridade ou igualdade permite a existência de duas identidades, porém mantendo cada uma a sua diversidade. A ensaísta lança o olhar para o Brasil de hoje e o enxerga como uma potência imperial da América do Sul por sua gigantesca territorialidade que abriga em seu seio a identidade brasileira assentada numa imensa diversidade. Uma unidade de língua expressa na sonoridade colorida dos inúmeros sotaques regionais: a língua portuguesa que floresceu e enriqueceu as nossas literaturas, nas duas margens do Atlântico. Nas crônicas integradas no “Jornal de Vitorino Nemésio,” *O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos* (1954), *Caatinga e Terra Caída* (1968), *Jornal do Observador* (1972) transparece a sensibilidade e a sedução ante a exuberante paisagem tropical, conhecimentos históricos e culturais e uma sentida e vivida luso-brasilidade, numa atitude que vai além da análise etnográfica do viajante embevecido com o país ou da voz a falar de “uma realidade histórica solidária.” De espaço em espaço, fascinado pelas revelações e descobertas, “este peregrino ilhéu da América” mergulha profundo no passado, volve o olhar para o futuro e busca o entendimento desvendando arquétipos delineados em tantas

imagens e formas míticas e na compreensão de atitudes do povo brasileiro. Ousou e surpreendeu. Tanto é que seu fascínio chegou ao ponto de mimetizar a linguagem brasileira em *Poemas Brasileiros* numa notável homocromia.

Observa Margarida Maia Gouveia, que os anos 50 marcam a maturidade literária e experimental de Nemésio, década que com a sua presença e produção literária mais entregou de si para o Brasil e se deixou cativar irremediavelmente pelo sabor, cores e sons da *"terrae brasilis."* Em os *"Escritos Brasileiros de Vitorino Nemésio Em Prol da Brasilidade,"* a autora avança no tempo e busca na década de 70, vinte anos depois da primeira viagem ao Brasil, a confissão da *"saudade revivida"* em forma de crônicas, perfis e apontamentos de viagens, publicadas no Jornal do Observador, de Lisboa, tendo como fonte de inspiração a ficção nordestina. As palavras de despedida de Nemésio: *"Fechar o arco destas saudades"* (de 13/10/72, nota da autora) assinalam o fim de um ciclo, numa revisita ao Brasil. Margarida Gouveia chama atenção para a última *"crónica brasileira,"* datada de Rio/1972, em que se despede com muito afeto retratando como estava ligado ao país, com sentimento de reconhecimento, de carinho e o mesmo sentido de (re)encontro e perturbação semelhante ao que sentiu na *revisita* a Angra de 1946.

Desde o primeiro trabalho de fôlego sobre a cultura brasileira "O Âmagô do Brasil" (em *Sob os Signos de Agora*, 1932) até o fim de sua vida Nemésio demonstraria a sua dedicação intelectual irrestrita ao país. Sua aproximação e afetos repartidos com poetas, escritores e ensaístas, elite da intelectualidade brasileira, entre os quais José Lins do Rego, Gilberto Freyre, Jorge de Lima, Graciliano Ramos, João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Nuno Simões e Cecília Meirelles que lhe encantava com sua prosa e poesia. Fez mais. Descobriu as raízes da brasilidade assentadas na cadência vibrante da literatura de cordel, do som chorado da viola, da farsa dramática do mamulengo, da dança mística do Boi-Bumbá, da religiosidade do reisado à folia do Divino, do ritmo quente do batuque do tambor nos terreiros de candomblé e do ondular sensual da cabrocha no balanço envolvente do samba. Um Brasil brasileiro que despertou a imaginação do poeta, que conquistou o humanista, que o abraçou por inteiro e o cativou para sempre.

Lapidado de forma consistente e com objetividade, o ensaio Nemésio, entre a Narrativa de Viagens Tradicional e a "Nova Literatura de Viagens," de autoria de Fernando Cristóvão, levanta considerações sobre a condição de viajante de Vitorino Nemésio e sobre a emergência de uma Nova Literatura

de Viagens. Identifica-o como o viajante moderno, humanista, um espírito inquieto, em contínuo movimento, tanto na sua essencialidade como na expressão de sua vida: “ilhéu, portanto embarcado” e “corsário das ilhas” como o próprio Nemésio definia o seu permanente “status” de viajante. Este novo perfil de viajante contemporâneo e a forma de sua escrita ligada à realidade histórica e geográfica e, sobretudo, na descrição da natureza faz de Vitorino Nemésio um representante da “Nova Literatura de Viagens,” no dizer de Fernando Cristóvão. Todo o estudo centra-se em torno de uma idéia central: um novo olhar sobre a narrativa de viagem. Argumenta sobre o que poderá se constituir uma “Literatura de Viagens,” numa urdidura comparativa da prosa, verso e crônica, em diferentes circunstâncias, mostrando que o escritor-poeta “já participava deste novo ritmo cultural” (315). Na sua análise desdobra-se nos seguintes tipos de viagens: Viagens em Portugal, Viagens ao Brasil e Viagens na Europa, África e Canadá.

Das viagens em Portugal, Nemésio deixou descrições em prosa e verso já dentro desta nova visão cultural, cujo estilo foi inaugurado por Almeida Garrett, no universo lusitano. Assinala Fernando Cristóvão que Garrett, Oliveira Martins e Herculano inspiraram Nemésio contribuindo para aprimorar o seu regionalismo insular, fortalecer o nacionalismo e o forte sentimento de identidade, enquanto Ramalho Ortigão influenciou-o para a vivência na Europa, já estimulada por sua vida acadêmica e por seu interesse pela cultura francesa.

Observa o autor que as crônicas de viagens em *Corsário das Ilhas e Viagens ao Pé da Porta*, a mais visual prosa escrita, caracterizam-se por uma narrativa intimista e informativa, devidamente estruturada e delimitada nos seus passos desde o estabelecimento do roteiro da viagem e seu desenrolar, passando pela descrição do lugar, dos personagens reais e ou ficcionais e a contextualização do fato em si. Aponta, à guisa de exemplo, a crônica “Da Graciosa ao Faial” (do *Corsário das Ilhas*) e “Folha de Viagem” (de *Viagens ao Pé da Porta*) onde é visível à seqüência metódica na descrição de ilha a ilha, enriquecida com os olhares de dentro de si, traduzidos em expressões líricas e oníricas, como: “Que impressão é esta de afastamento de alfa e omega da vida... aquiescência final e paz para se ficar mesmo...?” (descrevendo as furnas das Quatro Ribeiras em *Corsário das Ilhas*, cit. do ensaísta, 316).

Quanto às viagens ao Brasil, desde a primeira que fez em 1952, estão assentadas em crônicas e poemas que fazem o registro dessas viagens e dos sentimentos que brotaram na caminhada do viajante. Uma produção literária

que pouco difere das viagens portuguesas, a não ser pelo fascínio ante a pujança tropical, pela constante comparação entre o *cá e o lá* e o manifesto desejo do entendimento luso-brasileiro. Como Nemésio bem afirmou em “A identidade e a diferença” de *O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos*: “viajar pelo Brasil não é só conhecer a maior fundação de Portugal à distância e um país novo e imenso (...) é criar uma nova perspectiva de pátria, no regresso. A afinidade e o paralelo orientam-nos a visão transatlântica de uma realidade histórica solidária” (318).

No que tange às viagens na Europa, África e Canadá, de quase todas deixou relatos singulares em prosa e verso. Enquanto as narrativas africanas, publicadas no *Jornal do Observador*, são em forma de pequenas crônicas, ao estilo das brasileiras, as europeias e canadenses são quase todas em verso. A essas últimas, observa o ensaísta, falta a vibração poética. Sua peculiaridade está na fragilidade de sua concepção: registros superficiais, “en passant,” clichês turísticos, tão diferentes do estilo quer das viagens de regresso em prosa de Portugal, quer das viagens de descoberta em prosa e em verso do Brasil. Em suma, falta-lhes paixão: “Me marchó al trote turista/ Sin llevar esquila o lana /Mis codos de parda mula /Tuvieran harapos limpios, Y detrás de una ventana /Me quedarán nocherniego” (confissão em Castela, citada pelo autor, 319). Seguem-se outros exemplos de versos em Haia, Bruxelas, Paris, todos tendo como fio unificador a impressão efemêra, frágil, do olhar turístico. No entanto, enfatiza Fernando Cristóvão “no meio de tanto cosmopolitismo e tanta movimentação leve e fútil, a natureza profunda do poeta vem ao de cima para, pontualmente, enunciar pensamentos de um outro tempo e de outro espaço, especialmente os da solidão e da morte” (319), revelados, principalmente, pelo medo que tinha em viajar de avião: “Meus pecados contidos, se explodissem, /Fariam bem pior que eu morto a vô” (do *Canadá Flight* / cit. 320).

Fernando Cristóvão ao concluir seu ensaio identifica o cruzamento de dois vectores principais no conjunto de textos de viagens de Vitorino Nemésio. De um lado, os relatos em prosa e verso de viagens feitas em Portugal, no Brasil e, de algum modo, em África; em que sobressaem a literatura ficcional e a observação impressionista e realista, presentes na maioria de suas crônicas. Em outro, os textos em verso referentes à Europa e ao Canadá considerados poemas de feições turísticas, perdidos na efemeridade e no superficialismo. Este é o perfil do que poderá representar uma Nova Literatura de Viagem, “fortemente influenciada pelas idéias

modernas e processos do turismo ‘lato sensu’ entendido” (320). Assiste-se a uma mudança de paradigma: a viagem deixa de ser um simples tema literário para constituir o arcabouço de um corpo ímpar do subgênero “Literatura de Viagem.” Fernando Cristóvão afirma que as crônicas de viagem de Nemesio integram este processo evolutivo entre a Narrativa de Viagens Tradicional e a Nova Literatura de Viagem. Portanto, seu ensaio constitui um passo à frente no entendimento de um novo movimento literário em curso, um significativo olhar sobre a narrativa de viagem—a “Nova Literatura de Viagem.”

A fechar este conjunto de textos reunidos sob o nome de Efeméride Nemesiana apresenta-se o consistente ensaio “Uma Outra Açorianidade—Um Texto Esquecido de Nemesio,” da autoria de Urbano Bettencourt, poeta e ensaísta, que desde os anos oitenta participa do discurso cultural insular, como voz forte na defesa da territorialidade de uma literatura açoriana (a que Vamberto Freitas chama de “uma *estética da territorialidade*,” [*A Ilha em Frente*, 1999: 15-29]), comprometida com o processo histórico cultural. O ensaio fala de uma “Açorianidade” pouco conhecida e pretende, além de divulgar um relevante texto do pensamento insular nemesiano, chamar a atenção para a essencialidade desse pensamento: de os açorianos serem considerados, de fato, outra coisa, “uma realidade que não só geograficamente se manifesta, mas que sobretudo é viva numa ética própria, numa vida—em suma—em muitos pontos especializada e diferenciada” (“Os Açorianos e os Açores,” 1928). Inicialmente, referencia o texto *Açores, Actualidade e Destinos*, de 1975 e observa que a importância desse texto reside no fato de revelar, publicamente, as circunstâncias da criação do termo “Açorianidade,” a sua abrangência, o seu conteúdo, colocando de lado alguns aspectos simbólicos e também “as imagens e o metaforismo” presente no texto de 1932, publicado na revista *Insula*, de Ponta Delgada (Julho–Agosto 1932), em comemoração ao V centenário do descobrimento dos Açores. Tendo como título “Açorianidade,” o texto divulga o termo cunhado e lançado por Nemesio e passa a servir de referência e ponto de partida dos estudos nemesianos sobre o pensamento insular que se instaura e ao mesmo tempo caracteriza a literatura ficcional nemesiana. A “Açorianidade,” assim construída, revela uma idiosincrasia própria luso-açoriana: “O nosso modo de afirmação no mundo, a alma que sentimos na forma do corpo que levamos.”

Dentro desse viés analítico e bem ao seu gosto de divulgar, Urbano Bettencourt conta da descoberta, por Carlos Cordeiro, “de um outro texto de

Nemésio também intitulado Açorianidade, publicado no *Correio dos Açores* de 6 de Setembro desse mesmo ano de 1932: tratava-se, afinal, de um artigo transcrito do número especial do *Diário de Notícias* comemorativo do V centenário do descobrimento dos Açores!" (321). Este segundo texto leva o ensaísta a traçar considerações sobre o entrelaçamento de conteúdos, trazer à luz aspectos não visíveis no primeiro texto, publicado na *Insula* e realizar uma abordagem sob prismas diferentes, num instigante cotejo dos textos, assinalando as divergências.

Antes de tudo, Urbano Bettencourt lembra que o uso do mesmo título nos dois textos tem a ver com a "impulsividade afirmativa" expressa por Nemésio em "Açorianidade" (322) em que, no ensejo das comemorações dos quinhentos anos dos Açores, aproveita para debater sobre a realidade da condição insular. Nemésio, atento ao seu universo circundante, a condição arquipelágica, prefere falar da sua "consciência de ilhéu." Como enfatiza Urbano Bettencourt, é preciso compreender "o sentido de pertença a um território," bem como o modo de ver, sentir o mundo e a íntima relação com o estar neste espaço ("e estar é muito mais verbo para ilhéu do que viver," escreveu Nemésio). Vê-se que em "Açorianidade" Nemésio insiste em dizer às pessoas sobre a importância da contribuição da história e da geografia, na formação da mentalidade de um povo, e da sua mundividência, daí a reconhecida afirmação: "a geografia, para nós vale tanto como a história" (322) querendo ressaltar a relevância da geografia, no caso açoriano, quase sempre negligenciado e que tanto o diferencia da sua matriz continental.

No entanto, no segundo texto "Açorianidade [II]," assim identificado pelo ensaísta, a história é o centro do discurso, uma espécie de recado ao leitor continental, chamando atenção para as dificuldades do relacionamento histórico entre os dois pólos: o insular e a península lusitana. Numa linguagem marcada pela essencialidade e o uso econômico das palavras, que tão bem caracteriza o seu estilo, Urbano Bettencourt exprime em três palavras: "Distanciação, Desinteresse e Esquecimento" as vicissitudes e a realidade dessa relação ao longo dos tempos, a sua influência no processo migratório açoriano e o seu papel na formação da sociedade açoriana.

Por último, ao concluir este ensaio, traz à tona uma outra dimensão do texto—o das anotações—em que "Antero volta a ser apresentado como o exemplo da inquietação insular" (322). Urbano Bettencourt alerta de como, através da inquietude, de forma sutil o texto reafirma a íntima ligação entre o homem e o espaço, como um cordão umbilical, tal como acontecera em "O

Açoriano e os Açores” e em “Le Mythe de Monsieur Queimado.” No texto esquecido “Açorianidade [II],” no outro texto do mesmo nome e ano, “Açorianidade” e nos demais textos citados, Nemésio elabora o seu pensamento insular, dá corpo à idéia de Açorianidade que ele criara. Se ele dissera, logo ela existia. Assim o exigia o talento atribuído a um homem que era tido incapaz de dizer uma palavra sem conteúdo. O conceito ganhou raízes, e parece que começa a produzir ramos, folhas e frutos. Legitimado já foi, por toda uma geração de açorianos pertencentes há muito ao cânone literário açoriano. Vozes a debater questões culturais açorianas dentro e fora do arquipélago, a dialogar sobre a sua condição humana e de sua gente e a caminhar sempre à procura da sua identidade.

É preciso dizer ao final dessa recensão que em todos os textos aqui reunidos, sob o nome de *Efeméride Nemesiana*, perpassa um fio unificador ligando cada texto e entrelaçando pensamentos e reflexões do escritor e poeta Vitorino Nemésio. Mas deixa, também, fluir o espírito insular de cada autor, num ensaísmo pedagógico, criativo e cheio de emoção por sua história e geografia partilhadas. Vive-se um tempo do pensar plural, de conviver com outras latitudes e gentes, de ser tolerante, de respeitar as diferenças e comungar da diversidade que nos unifica e identifica. Vitorino Nemésio fez a sua parte neste imenso mar de ilhas. Agora, é a nossa vez.

Lélia Pereira da Silva Nunes. Socióloga com formação acadêmica em Ciências Sociais, pós graduada em Sociologia das Organizações e Mestre em Administração Pública. Atuou primordialmente no ensino da Sociologia, no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, onde realizou sua carreira acadêmica. Estudiosa da Cultura Popular de Santa Catarina, tem-se dedicado à pesquisa da Cultura Açoriana e do Patrimônio Imaterial. Suas referências bibliográficas incluem inúmeros artigos, crônicas, ensaios, *papers*, trabalhos publicados em periódicos de circulação nacional e no exterior em sua área de pesquisa, com destaque para as manifestações da cultura popular catarinense de raiz açoriana, como a Festa do Espírito Santo, os saberes e os fazeres / patrimônio imaterial. Das publicações recentes cita os artigos: “A presença açoriana na literatura da Ilha de Santa Catarina” (*Suplemento Açoriano de Artes e Letras-SAAL, Revista SABER*, nov. 2003—Ponta Delgada, Açores) e “Ao encontro de Daniel de Sá—ecos de um percurso entre a realidade e a ficção” (*Suplemento Atlântico de Artes e Letras-SAAL, Revista SABER*, out.2004, Ponta Delgada, Açores). É autora do livro *Zumblick, uma história de vida e de arte— biografia e análise da obra do pintor catarinense Willy Alfredo Zumblick*, Co-autora do livro *O Italiano em Santa Catarina*. E-mail: leliapsn@hotmail.com